

ED. 165 . ANO 25
JUNHO . 2020



PRESENÇA *pedagógica* na sala de aula

Organización
dos Estados
Ibero-Americanos



Organización
de Estados
Iberoamericanos

Para a Educação,
a Ciência
& a Cultura

OEI

Para la Educación,
la Ciencia
& la Cultura



êxito
INSTITUTO DE INVESTIGACIONES

NEUROCIÊNCIA E AS NOVAS TECNOLOGIAS PARA O APRENDIZADO HÍBRIDO ESCOLAR

COMO AS METODOLOGIAS
HÍBRIDAS PODEM PROMOVER A
APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA?
O QUE TÊM A VER COM OS
ESTUDOS DO CÉREBRO?

ARTIGO

Apesar das turbulências, o voo do ensino segue seu curso com a EaD

FORMAÇÃO CONTINUADA

Mediação relacional na sala de aula como parte fundamental da aprendizagem

ENSINO REMOTO

De tendência a realidade, dicas para desenvolver uma videoaula eficiente

A mediação relacional da aprendizagem

Mediar a aprendizagem significa colocar-se, intencionalmente, entre o objeto de conhecimento e o aluno, modificando, alterando, organizando, enfatizando e transformando os estímulos que vêm do objeto para que o aluno tire suas próprias conclusões. Esse processo é composto, basicamente, por dois tipos de mediação: a didática e a relacional. A mediação didática ocorre quando o professor faz perguntas, dá devolutivas aos alunos sobre suas observações e produções, problematiza o conteúdo com o objetivo de colocar o pensamento do aluno em movimento. A mediação relacional tem por finalidade motivar o aluno a aprender, fazendo com que ele siga em frente e supere as dificuldades do caminho. Essa mediação dá-se por meio de ações como encorajar, incentivar, desafiar, supervisionar, apoiar, escutar e aconselhar.

A mediação didática é competência técnica, adquirida por meio de treinamento, e exige apenas o canal cognitivo. Por meio de cursos e oficinas sobre metodologia do ensino, o professor aumenta seu grau de competência nessa área. A mediação relacional, como o próprio nome já diz, é de natu-



reza psicológica e se estabelece a partir de valores e crenças. O incentivo para que o aluno aprenda é diretamente proporcional à crença do professor de que o aluno é capaz de aprender. O encorajamento, o incentivo, o apoio e o aconselhamento são realizados na medida da crença na capacidade do aluno, e essa crença influi significativamente no desempenho deles, conforme comprova a famosa experiência de Rosenthal e Jacobson realizada na década de 1960.

Essa experiência teve como objetivo testar a hipótese de que, numa classe, os alunos de quem os professores esperam um maior desenvolvimento realmente o atingem. Por meio de testes de inteligência, os pesquisadores identificaram os alunos com potencial de aprendizagem superior, médio e inferior, que foram misturados e,



do total, foram sorteados aleatoriamente 20%. Esses estudantes foram apresentados aos professores, no início do ano letivo, como os de maior potencial de desempenho. Ao final do ano, comprovou-se a hipótese, quando exatamente esses alunos apresentaram o melhor desempenho em suas classes.

É cientificamente comprovado, então, que a expectativa do professor afeta substancialmente o desempenho do aluno. O grande desafio que se apresenta, a partir desse ponto, é como elevar o nível de expectativa positiva dos professores com relação aos alunos, já que tal expectativa deriva de um olhar inclusivo e de uma crença na possibilidade de superação do outro. Aumentar a competência de mediação relacional do professor é, então, interferir em seus

valores e crenças e alterar seu olhar para os alunos. Estamos falando de desenvolvimento da postura apreciativa.

O pressuposto subjacente à postura apreciativa é que os processos funcionam melhor por meio da eliminação de abordagens que focam os problemas, a busca de soluções para os problemas e o que não está funcionando bem. Ao contrário, a postura apreciativa defende que os processos funcionam mais efetivamente por meio da descoberta e da valorização daquilo que funciona bem. Essa atitude cria sinergia e predisposição para o diálogo sobre as possibilidades de construção do futuro. Focar problemas é um convite a atitudes que elaboram, expandem e refinam uma realidade de problemas. Focar o que é valorizado e experiências de sucesso é elaborar, expandir e construir possibilidades.

O poder da postura apreciativa está na maneira por meio da qual os participantes se engajam no processo e se inspiram para potencializar o sucesso e buscar soluções para o que não funciona bem. Tudo parte das próprias experiências de sucesso. A postura apreciativa centra-se no positivo e baseia-se em experiências reais e bem-sucedidas das pessoas, que utilizam a energia de sucesso para aumentar o comprometimento e a confiança para melhorar naquilo em que os resultados não estão satisfatórios. Elas também se automotivam porque sabem como promover mais momentos de sucesso, o que cria um ciclo positivo de realização.

A postura apreciativa não é uma técnica, é uma filosofia e um posicionamento perante o mundo. É uma atitude mental que foca a luz, ampliando-a com a forte convicção de que, aumentando a luz, diminuiremos as sombras. A postura apreciativa promove motivação e confiança suficientes para que o aluno não tenha medo de encarar seus erros, na medida em que estará energizado pelo sucesso e pela segurança que o sucesso traz. Portanto, construímos diferentes realidades, dependendo do foco do nosso diálogo. Quando focamos o que é problemático e disfuncional nas interações humanas, criamos uma realidade de problemas e disfunções. Quando colocamos luz no que está funcionando e no que as pessoas valorizam sobre aquilo que fazem, realidades de recursos e possibilidades são produzidas.

Na sala de aula, assim como na vida, a postura apreciativa é capaz de realizar verdadeiros milagres. Em situações nas quais perguntas apreciativas são formuladas, os educandos são capazes de se comunicar de maneira aberta e entusiasmada. Eles também se mostram mais confiantes em si mesmos e começam a valorizar as perspectivas das outras pes-



soas, além de se mostrar mais dispostos a correr riscos e a promover mudanças. Não são poucas as experiências descritas por professores que envolvem mudanças positivas de alunos inicialmente desmotivados e desinteressados. A postura apreciativa é fundamental para a construção de vínculos facilitadores do processo de ensino-aprendizagem, na medida em que aposta na capacidade de superação do aluno.

A mediação relacional na sala de aula é fundamental para o resultado final da aprendizagem. Isso ocorre porque não temos alunos naturalmente motivados e com objetivos bem definidos. Quanto maiores a automotivação e a clareza de objetivos, menor a dependência que a aprendizagem tem de uma boa media-



ção relacional. Nos cursos preparatórios para concursos, em que os alunos são focados e determinados, os professores precisam contar muito mais com a competência didática, pois todos estão ali com o firme propósito de aprender bem o conteúdo e passar no concurso. Mesmo em situações como essa, uma boa mediação relacional potencializa bastante a aprendizagem.

Na sala de aula da Educação Básica e, por que não dizer, no Ensino Superior, a mediação relacional se coloca como processo que influencia predominantemente o resultado final da aprendizagem. Nesse sentido, aumenta a necessidade de o professor encorajar, incentivar, desafiar, supervisionar, apoiar, escutar, aconselhar, enfim, ter para com o aluno um

olhar apreciativo que resulte em atitudes de determinação, motivação e autoconfiança. Alguns comportamentos são essenciais para a concretização da mediação relacional em sala de aula.

Inicialmente, precisamos buscar no educando seus comportamentos e resultados de sucesso. Por menores ou pouco frequentes que sejam esses comportamentos e resultados, são eles o ponto de partida para uma interação apreciativa. Lembremos que essa atitude se fundamenta na potencialização do sucesso como forma de energização para a superação de dificuldades. Outra atitude importante é aceitar a forma peculiar de ser do aluno com respeito e consideração. Lembremos que tudo que é diferente da nossa cultura ou dos nossos paradigmas

tende a soar estranho e, por isso, temos a tendência de eliminar, isolar ou corrigir. O jeito de ser do aluno é, na maioria das vezes, a única coisa que ele tem para nos apresentar. Rejeitar de forma contundente uma maneira de ser significa rejeitar a pessoa como um todo.

Seguindo esse caminho, esqueçamos as comparações. Jamais, em tempo algum, devemos estabelecer comparações entre os alunos ou permitir que elas surjam entre eles. Devemos ter a firme e frequente atitude de inibir toda e qualquer tentativa de comparação, reforçando, sempre que possível, o discurso da peculiaridade humana e da impossibilidade de comparações entre uma pessoa e outra. Nessa mesma linha, é bastante importante comemorar cada vitória que os alunos alcancem, por menores que sejam. Esse comportamento tira o foco do aluno dos erros e amplia a confiança de que acertos são possíveis e de que ele é capaz.

Trate o erro como algo normal, possível de acontecer com qualquer um. Não dê ênfase ou fique tentando descobrir por que o aluno errou. Atitudes assim reforçam o foco na parte vazia do copo. Para mudar essa atitude, precisamos encarar o erro como possível fonte de virtude. Para isso, devemos observar o fato como fato e não como erro. Observar o fato sem preconceito para dele retirar os benefícios possíveis. Para encarar o erro como fonte de virtude, precisamos compreender sua lógica e o processo que o produziu. Dessa forma, é essencial que, no processo de construção dos conceitos pela criança, os erros sejam considerados como degraus para futuros acertos. Esses erros, na verdade, estão indicando o que a criança está pensando, e é nisso que o professor deve deter-se: no pensar do aluno, a fim de compreendê-lo e, assim, poder desafiá-lo a encontrar outras respostas.



Incentive o comportamento flexível do aluno. Muitas vezes, observamos atitudes radicais por parte de alguns discentes diante do erro. Compete-nos ensinar-lhes flexibilidade, mostrando-lhes que, diante de um erro, a atitude mais acertada é a análise da situação para que possamos aprender com ela e não repeti-la. Costuma ser bastante eficaz quando o professor cita exemplos de situações em que ele próprio cometeu erros e o que aprendeu com isso. Quando o professor erra diante dos alunos, essa mensagem torna-se mais forte ainda, se for seguida por uma reação natural e construtiva. Nunca me esqueço de um professor de língua portuguesa que, diante da dificuldade da turma em entender fonética, revelou que compreendia a dificuldade, pois ele mesmo repetiu essa disciplina na faculdade e precisou estudar muito para passar. Eis um belo exemplo de competência na promoção da mediação relacional. ◇